SOJA

Um pré-plantio conturbado

O aumento da safra mundial de oleaginosas neste ano-safra levou a que se produzissem mais farelos, deprimindo seus preços. Como a demanda mundial permanece elevada e as divergências quanto às estimativas do USDA continuam, o mercado ainda apresenta tendência indefinida.

A produção mundial de oleaginosas, segundo estimativa da publicação alemã *Oil World*, atingiu, na atual safra, 256,49 milhões de toneladas e deverá diminuir aproximadamente 2%, na safra 1995/96, totalizando 250,7 milhões de toneladas. O recuo se deve à redução na produção de amendoim, girassol e soja, que não será compensada pela maior produção de algodão e de canola (colza geneticamente melhorada). De acordo com a mesma fonte, como o consumo internacional deverá crescer 2,4%, os estoques cairão para 32,5 milhões de toneladas, levando à possibilidade de melhores preços no ano que vem. A soja, em termos globais, de acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), terá colheita 7% menor em 1995/96, passando de 137,8 milhões para 127,7 milhões de toneladas.

A esperada maior atratividade do mercado externo tem origem na instabilidade climática que afetou o maior produtor mundial, os EUA, em um período excepcionalmente quente no Hemisfério Norte. Os preços médios para a soja, em 1995/96, estão estimados pelo USDA entre US$5,50/*bushel* (1 *bushel* = 27,22kg) e US$6,50/*bushel*. São considerados, porém, estimativas precárias, pois os corretores norte-americanos julgam que a previsão de safra daquele país, de 61,1 milhões de toneladas, na primeira divulgação, em agosto, está superdimensionada.

Os produtores norte-americanos chegaram até a plantar mais soja, apesar de os preços desta safra terem sido menores, porque, durante a primavera, choveu demais no Meio-Oeste, inviabilizando o plantio do milho e do trigo. A seguir, a estiagem de julho veio prejudicar as plantações e se sabe que a produtividade será menor. O Departamento de Agricultura, entretanto, tem divulgado estimativas que surpreenderam o mercado, porque utilizaram produtividades médias incorporando bons desempenhos recentes, o que resulta em avaliação superestimada, em razão dos problemas deste ano.

Além das dificuldades climáticas nos EUA, a Índia (com atraso nas monções, ventos que trazem fortes chuvas) e a China (com seca nas regiões ao norte e inundações no leste e no sul) também produzirão menos. No caso deste último país, os números divulgados são pouco confiáveis, já que o governo central necessita de boas notícias para debelar a ascensão dos preços nas grandes cidades.

Russos e canadenses também enfrentarão menores rendimentos físicos em suas lavouras de cereais e de canola, respectivamente, em função de falta de chuvas. Aliás, no que se refere aos cereais, o que acontecerá em seus mercados influenciará o da soja, pois a quebra de safra afeta vários países e a atual relação estoques/consumo é a mais baixa em 22 anos.

Os produtores norte-americanos chegaram a plantar mais soja, apesar dos preços menores.

As duas oleaginosas que terão sua produção ampliada, o algodão e a canola, devem este fato ao melhor posicionamento das cotações em 1994/95. Isto levou a União Européia, os países do Leste europeu e a Rússia a aumentarem a área da canola e os EUA, China e Índia a plantarem mais algodão.

A maior produção de oleaginosas do ano-safra em curso levou a que se produzisse mais farelos, depreciando-os, o que vem estimular seu maior uso na formulação de rações. Como a produção de carnes em geral, nos EUA, continua se expandindo, abre-se ainda maior campo para as compras de farelos proteínicos. Tal pressão de demanda ultrapassa as fronteiras dos EUA. A União Européia vem aumentando suas compras, beneficiada pela valorização de suas principais moedas sobre o dólar norte-americano. O mesmo processo ocorre entre os chamados tigres asiáticos e nas Filipinas, sendo que aqui cabe considerar o continuado crescimento econômico a taxas elevadas, que cria, ele mesmo, um outro importante fator de demanda: a troca de hábitos de alimentação, com a maior ingestão de proteína animal e maior urbanização.

As condições favoráveis para o farelo de soja não se repetem para o óleo. Apesar de a produção esperada para 1995/96 não diferir da de 1994/95, ficando perto de 93,7 milhões de toneladas, os estoques remanescentes são elevados (11 milhões de toneladas). Para isto,

contribuem a produção recordista dos óleos de girassol e de palma (dendê) e as possíveis menores compras do governo chinês, que importou muito em 1994, para conter surtos inflacionários, e montou estoques elevados.

Mesmo com reservas volumosas, porém, a China continuará como importador destacado, pois experimenta agora um processo de crescimento, em que hábitos alimentares são alterados e a industrialização e urbanização retiram da agricultura solos anteriormente cultivados (ver *Agroanalysis, 14* (2), out. 1994, seção Panorama Internacional).

Deste modo, o Brasil (que se beneficia dos atritos comerciais EUA x China) vendeu cerca de 763 mil toneladas de óleo de soja aos chineses em 1994 e, mesmo com as esperadas menores compras daquele país, ainda venderá mais de 500 mil toneladas este ano, se mantido o ritmo do primeiro semestre, segundo fontes do mercado.

Situação do mercado interno

A safra brasileira deste ano apresentou diversos problemas, derivados alguns da situação externa, mas seguramente ancorados na profunda crise de liquidez da agricultura. A situação torna-se mais confusa, quando se sabe — ou talvez pelo que não se sabe — da interferência ativa do governo no subsetor, ao colocar a soja no sistema de equivalência-produto. Aparentemente, a inclusão da lavoura ocorreu tão-somente em função de certa "inércia" administrativa, sem que houvesse condições posterior para corrigir os rumos desviados do processo de comercialização.

A crise de liquidez, em uma safra que teve suas vendas especialmente lentas, vem prejudicando a visualização do comportamento do mercado, pois há informações muito discrepantes quanto ao que se vendeu de fato e quanto à renegociação das dívidas. Como os leilões da soja detida pelo governo federal vêm sendo majoritariamente dominados pelos depositários do produto, as avaliações têm-se tornado um exercício complicado para os interessados na oleaginosa.

Considerando que o chamado "mercado climático" nos EUA não deixou um só momento de perturbar as atenções, tem-se um quadro em que, em julho/agosto, as cotações do produto brasileiro, que deveriam estar subindo, caíram. Para isso, contribuíram o recuo nos preços em Chicago (por notícias favoráveis sobre o plantio no Meio-Oeste) e a possibilidade de as indústrias brasileiras comprarem soja nos leilões governamentais, esperando maiores quedas no mercado interno. Estas viriam, também, devido à necessidade de os produtores agilizarem a comercialização atrasada, pela proximidade da semeadura de 1995/96.

Pelo que se pôde ver até o momento, existe uma impressão generalizada de que a próxima safra brasileira terá menor área de cultivo e menor produção. Embora até o início de setembro houvesse indefinições quanto ao que plantar, a questão de como plantar já foi resolvida. Plantar-se-á pior nesta primavera, com menor tecnologia e redução nos cuidados em geral, o que poderá privar o país de ganhos na comercialização do próximo ano, caso se confirmem as dúvidas quanto ao tamanho da produção dos EUA.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

FAO

Rumo à cúpula mundial de alimentação

A FAO está comemorando 50 anos. É hora de soltar fogos? Certamente não! Após meio século de existência, a FAO está longe de cumprir o que seu programa estabelecia. Ainda assim, a comemoração do cinqüentenário da existência da entidade poderá abrir espaço importante para que a humanidade discuta um de seus principais problemas — o direito à alimentação.

A segurança alimentar na agenda internacional

Neste mês de outubro, a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO) completa 50 anos de sua fundação. No mesmo local onde ela foi criada — a cidade de Quebec, no Canadá — ocorrem eventos que mobilizaram pessoas de todo o planeta para discutir uma questão que continua a desafiar governos e sociedades: o direito à alimentação.

Um fato novo se destaca nesse conjunto de eventos. Trata-se da presença de organizações da sociedade civil, que iniciam a programação em Quebec com a Assembléia dos Povos: FAO 50/50, reunindo representantes de organizações não-governamentais (ONG) e de movimentos sociais de todo o mundo para discutirem uma estratégia comum da sociedade civil sobre o tema da segurança alimentar. Como o próprio nome da assembléia sugere, não se trata apenas de uma comemoração dos 50 anos da FAO. Também representa a reivindicação dessas organizações de uma participação igualitária (50% a 50%) na composição dos encontros e no acompanhamento das deliberações daquele órgão da ONU.

As atividades proseguem com a realização de um Simpósio Internacional da FAO e do Governo Canaden-